

REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA EM COMUNIDADES MULTILÍNGUES: O PAPEL DA FAMÍLIA NA MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

REVITALIZACIÓN LINGÜÍSTICA EN COMUNIDADES MULTILINGÜES: EL PAPEL DE LA
FAMILIA EN LA MANUTENCIÓN DE LAS LENGUAS INDÍGENAS

LINGUISTIC REVITALIZATION IN MULTILINGUAL COMMUNITIES: THE ROLE OF FAMILY
IN INDIGENOUS LANGUAGES PRESERVATION

Camila Alejandra Loayza Villena*

Isabella Mozzillo**

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas***

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO: Na Bolívia, as línguas indígenas enfrentam uma perda contínua de falantes, apesar de sua oficialização pelo Estado e sua integração no sistema educacional. Este estudo investiga os motivos que levam os pais do povo indígena Leco de Apolo, na Amazônia boliviana, a escolher entre transmitir as línguas indígenas ou o espanhol para seus filhos. Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa, descritiva, colaborativa e etnográfica, identificamos que tanto o deslocamento quanto a transmissão das línguas indígenas depende de fatores como valorização cultural, pressão social, educação e as experiências pessoais e coletivas. Esses achados destacam a interligação entre língua, identidade e cultura, fornecendo insights sobre as escolhas linguísticas e sua relação com estruturas sociais e identitárias. Além disso, o estudo contribui para a compreensão das políticas linguísticas familiares em comunidades indígenas e suas implicações para a preservação das línguas indígenas e a promoção da diversidade cultural na Bolívia.
PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas. Lecos de Apolo. Deslocamento linguístico. Ideologias linguísticas. Políticas linguísticas familiares.

RESUMEN: En Bolivia, las lenguas indígenas enfrentan una pérdida continua de hablantes, a pesar de su oficialización por parte del Estado e integración en el sistema educativo. Este estudio investiga los motivos que llevan a los padres del pueblo indígena Leco de Apolo, en la Amazonía boliviana, a elegir entre transmitir las lenguas indígenas o el español a sus hijos. Utilizando un enfoque

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: milaloayza4@gmail.com.

** Professora do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: isabellamozzillo@gmail.com.

*** Professora do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: leticia.freitas@ufpel.edu.br.

metodológico qualitativo, descritivo, colaborativo e etnográfico, identificamos que tanto o deslocamento como a transmissão das línguas indígenas depende de fatores como a valorização cultural, a pressão social, a educação e as experiências individuais e coletivas. Estes hallazgos destacam a interrelação entre língua, identidade e cultura, proporcionando entendimentos sobre as eleições linguísticas e sua relação com as estruturas sociais e identitárias. Além disso, o estudo contribui para a compreensão das políticas linguísticas familiares em comunidades indígenas e suas implicações para a preservação das línguas indígenas e a promoção da diversidade cultural na Bolívia.

PALABRAS CLAVE: Línguas indígenas. Leco de Apolo. Deslocamento linguístico. Ideologias linguísticas. Políticas linguísticas familiares.

ABSTRACT: In Bolivia, indigenous languages face a continuous loss of speakers despite their official recognition by the state and integration into the educational system. This study investigates the reasons why parents from the Leco indigenous community of Apolo, in the Bolivian Amazon, choose between transmitting indigenous languages or Spanish to their children. Using a qualitative, descriptive, collaborative, and ethnographic methodological approach, we identified that both the shift and transmission of indigenous languages depend on factors such as cultural value, social pressure, education, and individual and collective experiences. These findings highlight the interrelationship between language, identity, and culture, providing insights into language choices and their connection with social and identity structures. Additionally, the study contributes to the understanding of family language policies in indigenous communities and their implications for the maintaining of indigenous languages and the promotion of cultural diversity in Bolivia.

KEYWORDS: Indigenous languages. Leco de Apolo. Linguistic shift. Linguistic ideologies. Family language policies.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado *Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - As políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo*. O título, traduzido do quíchua para o português, “O quíchua está se perdendo porque as crianças não falam mais”, reflete a preocupação central deste estudo: a interconexão entre a perda das línguas indígenas e a ausência de transmissão intergeracional.

Há inúmeros fatores que levam a uma interrupção na transmissão intergeracional, no entanto, aquele que mais se destaca é a violação sistemática dos direitos linguísticos e humanos que vivenciam os povos indígenas. A imposição e a onipresença das línguas dominantes, como o espanhol e o português, impedem que os falantes de línguas minoritárias/minorizadas exerçam plenamente sua cidadania, participem de processos políticos e tenham acesso à informação, educação e saúde. Como resultado, na maioria dos casos, eles param de transmitir suas línguas e conhecimentos para seus filhos.

Diante desse cenário, pretendemos, com este estudo, analisar as dinâmicas familiares de transmissão intergeracional em famílias pertencentes à comunidade leca e multilíngue de Torewa, na Amazônia boliviana. Para este artigo, escolhemos três das dez entrevistas semiestruturadas realizadas, porque apresentam diferentes valorações sobre as línguas presentes na comunidade e, consequentemente, distintas práticas linguísticas no âmbito familiar. Ao analisar as dinâmicas familiares de transmissão intergeracional, buscamos contribuir para uma melhor compreensão das políticas linguísticas familiares (PLF) em comunidades indígenas e identificar fatores que influenciam a interrupção ou a continuação da transmissão intergeracional. Acreditamos que os resultados deste estudo podem oferecer perspectivas valiosas para a elaboração de programas de revitalização linguística em comunidades multilíngues que tenham como centro a família.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi realizada na Bolívia, mais especificamente na região da Amazônia boliviana. Essa área geográfica é parte da região linguística Mamoré-Guaporé, abrange extensas terras baixas bolivianas e se estende até o estado de Rondônia, no Brasil. Mais de 50 línguas indígenas distintas, representando diversas famílias linguísticas e possivelmente línguas independentes, coexistem nessa região, tornando-a um dos centros de maior diversidade linguística na América do Sul e possivelmente no contexto global (FUNPROEIB, 2009).

É nessa região que as dezenove comunidades do povo indígena Leco de Apolo estão presentes. Realizamos a pesquisa em uma delas, chamada Torewa, porque é uma comunidade que se destaca pelo seu multilinguismo, já que são faladas as línguas: aimará, quechua, rik'a, tsimane, moseten e espanhol.

Torewa se diferencia das outras comunidades lecas pelo fato de estar em um polígono titulado, isso quer dizer, em uma área reconhecida e titulada pelo Estado. No entanto, também está situada a uma distância considerável de Apolo, município onde se concentram a maioria das comunidades lecas, em polígonos não titulados.

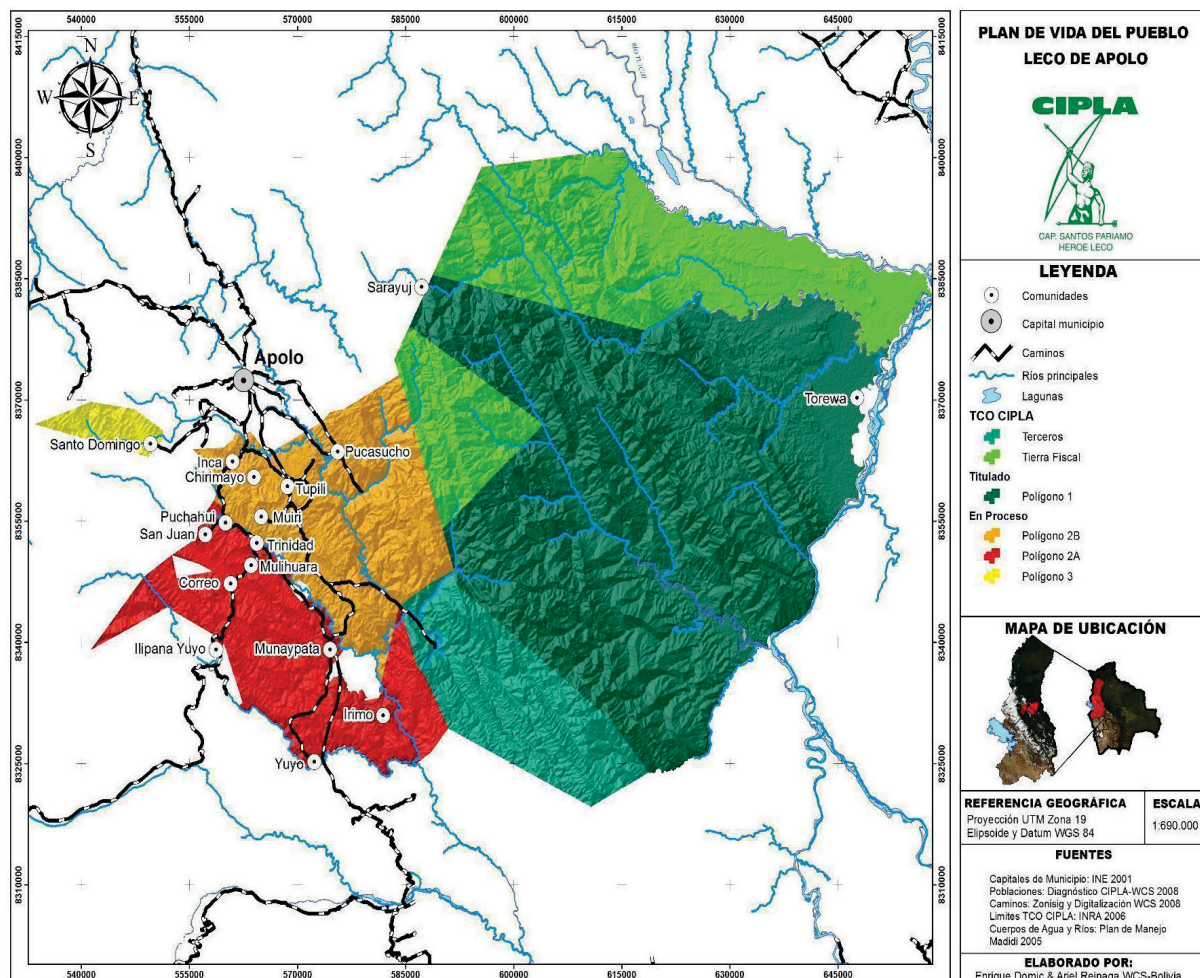


Figura 1: Mapa das comunidades lecas.

Fonte: CIPLA e WCS (2010, p. 6)

A distância geográfica é um fator que contribui para a diversidade linguística da comunidade. A separação de Torewa em relação às comunidades lecas resultou no seu multilinguismo, o qual é fruto das migrações dentro do território, o que também reflete a complexa história sociocultural da região. Contudo, a distância geográfica também gera preocupações e receios por parte de outros membros das comunidades lecas. A localização remota de Torewa, somada à presença de outros povos, como os tsimanes e os mosetenes, pode levantar questões sobre a identidade e a pertença de Torewa como parte do povo leco de Apolo.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, exploraremos conceitos teóricos que fundamentam a compreensão das dinâmicas linguísticas no contexto familiar.

3.1 IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS

As ideologias linguísticas moldam as atitudes dos falantes em relação às línguas, orientando suas escolhas e conferindo-lhes valor no contexto social (Kroskrity, 2023). A análise das ideologias linguísticas é essencial para entender como as crenças e percepções sobre as línguas influenciam as práticas linguísticas nas famílias multilíngues.

A desvalorização de línguas minoritárias/minorizadas pode originar-se tanto de perspectivas predominantes na sociedade majoritária — que frequentemente favorecem o espanhol, como é o caso da Bolívia — quanto de visões comunitárias e individuais que atribuem valor identitário às línguas indígenas. Assim, é possível identificar as discordâncias que surgem dentro de uma comunidade multilíngue, como a de Torewa, na qual a valoração se estende não apenas às línguas, mas também a seus falantes.

Além disso, as ideologias linguísticas exercem também um papel mediador entre as estruturas sociais e as práticas linguísticas (Kroskrity, 2022), funcionando como uma ponte que conecta as normas sociais, crenças e valores de uma determinada comunidade com a maneira como as pessoas usam a linguagem em suas interações diárias. Portanto, elas têm um papel significativo na seleção das práticas comunicativas e na dinâmica das relações sociais dentro de uma família e de uma comunidade. No entanto, devemos ressaltar que as ideologias não são deterministas, as dinâmicas políticas e sociais podem influir nelas e transformá-las (Sichra, 2016).

3.2 POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS

Originalmente, as políticas linguísticas foram concebidas como esforços estatais para administrar o plurilinguismo nas nações (Correa; Güths, 2015). Isso se deve ao fato de o Estado ser visto como o principal agente na formulação e implementação dessas políticas, influenciando-as de acordo com suas inclinações ideológicas por meio de ações legais (Calvet, 2007). Exemplos disso são encontrados tanto no Brasil quanto na Bolívia, onde as decisões governamentais tiveram impactos significativos na promoção ou restrição da diversidade linguística.

No Brasil, a resistência liderada pelos povos indígenas culminou no reconhecimento de seus direitos linguísticos e culturais na Constituição Federal de 1988. Já na Bolívia, na década de 1980, os povos indígenas começaram a demandar a inclusão de suas línguas nas salas de aula e maior participação nas decisões relacionadas à educação (López, 2009, p. 163-164). A *Marcha Indígena por el Territorio y la Dignidad*, em 1990, foi um marco que levou à reforma constitucional e à implementação de um currículo educativo baseado na Educação Intercultural Bilingue (EIB) (López, 2006).

A EIB propõe uma abordagem que vai além do simples reconhecimento multicultural. Enquanto o multiculturalismo se concentra em reconhecer e tolerar diferenças culturais sem questionar as desigualdades subjacentes, a EIB visa transformar essas estruturas, promovendo uma cidadania diferenciada (Bello, 2009). Assim, o enfoque intercultural busca desafiar a hegemonia eurocêntrica do conhecimento e integrar as línguas indígenas ao currículo nacional, propondo uma educação mais inclusiva e descolonizadora.

Os impactos da EIB no sistema educacional são substanciais. Estudos de López (2006), Cotacachi (1996) e Hornberger (1996) demonstram um aumento na autoestima de alunos e professores que se sentem valorizados em um ambiente que reconhece suas línguas e culturas. Além disso, a EIB encoraja uma postura crítica, capacitando tanto os alunos quanto os professores a liderarem e expressarem suas identidades em suas comunidades.

Contudo, apesar dos avanços e dos benefícios teóricos da EIB, sua implementação enfrenta obstáculos significativos, tanto econômicos quanto sociais e políticos. Em muitos casos, a EIB permanece uma intenção formal, sem ações concretas que satisfaçam as demandas e expectativas das comunidades indígenas (López, 2008). Como resultado, surgem críticas de setores indígenas que consideram que a EIB não tem alcançado plenamente seus objetivos de inclusão e transformação.

Essa limitação na implementação prática da EIB evidencia o caráter *top-down* de muitas das políticas linguísticas, que são formuladas e aplicadas pelo governo sem o envolvimento significativo das comunidades afetadas. Embora tais políticas busquem preservar as línguas indígenas, sua eficácia é limitada quando as vozes locais não são ouvidas no processo de formulação.

Essa exclusão de vozes na formulação e implementação de uma política linguística, ilustra a limitação das políticas estatais e reforça a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, que reconheça a multiplicidade de atores no processo. Nesse sentido, a definição de políticas linguísticas de Spolsky (2021) oferece uma visão mais abrangente, ao considerá-las como um conjunto de três elementos interconectados, mas independentes: as ideologias linguísticas, a gestão linguística (esforços para modificar crenças e práticas) e a prática linguística (as escolhas concretas que os falantes fazem em seu cotidiano, como a língua utilizada em diferentes contextos sociais).

Da mesma forma, o autor destaca que essas políticas operam em diversos níveis, desde o familiar até o nacional, abrangendo domínios como o lar, a escola e o governo (Spolsky, 2021). Essa perspectiva mais ampla nos ajuda a entender que o Estado não é o único ator capaz de formular e implementar políticas linguísticas. Dessa forma, e pela sua importância na transmissão intergeracional de uma língua, é que na próxima seção abordaremos as políticas linguísticas familiares.

3.3 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES (PLF)

As políticas linguísticas, como vimos, são moldadas por diversos fatores, incluindo o contexto histórico, as ideologias dominantes e as lutas sociais. Quando focamos nas decisões linguísticas tomadas no âmbito familiar, especialmente em famílias indígenas, aprofundamos nossa compreensão sobre os desafios e estratégias que essas famílias enfrentam para manter suas línguas. Esse foco é essencial para preencher a lacuna de estudos sobre PLF em comunidades indígenas no Sul Global.

As PLF podem ser definidas como as decisões, conscientes ou não, tomadas no ambiente doméstico sobre quais línguas serão usadas pelos membros da família (Mozzillo; Pupp Spinassé, 2020). Os principais responsáveis por essas decisões são, em geral, os progenitores, que, por meio de sua agência, controlam e determinam a conduta linguística de seus filhos no dia a dia (Nandi *et al.*, 2022). Ao escolher a língua para interagir com as crianças, por exemplo, os pais não apenas estabelecem normas de comportamento linguístico, mas também transmitem suas ideologias linguísticas (Nandi *et al.*, 2022).

Essas normas de comportamento são, em sua maioria, estabelecidas pelos homens (Sichra, 2016; Moroni, 2018). De forma que as PLF refletem as dinâmicas de poder e as hierarquias dentro do núcleo familiar, onde as decisões sobre o uso da língua estão muitas vezes ligadas a questões de identidade e status social.

A análise das PLF frequentemente se dá dentro da dicotomia sucesso-fracasso. Nessa perspectiva, o sucesso é associado à manutenção da língua e ao bilinguismo equilibrado, enquanto o fracasso é caracterizado pelo deslocamento linguístico, o bilinguismo passivo, a aquisição incompleta ou a não aquisição da língua (Espinoza; Wigglesworth, 2022, p. 278). Essa visão dicotômica, contudo, apresenta problemas, uma vez que impõe uma noção rígida de sucesso, desconsiderando o contexto em que as famílias estão inseridas e suas próprias metas (Espinoza; Wigglesworth, 2022).

Sair dessa dicotomia nos permite considerar outros resultados possíveis da transmissão intergeracional linguística. A decisão de não transmitir uma língua não é sinônimo de fracasso, mas, sim, uma escolha que pode abrir espaço para uma retomada futura da língua. É necessário, portanto, explorar formas de valorizar as experiências das famílias, reconhecendo sua complexidade, agência e autonomia nas decisões sobre suas línguas.

3.4 BILINGUISTO E MITOS

De acordo com Grosjean (2010, p. 4, tradução nossa), “Bilíngues seriam aqueles que utilizam duas ou mais línguas (ou dialetos) no seu dia a dia”¹. Portanto, o bilinguismo não deve ser entendido apenas como uma questão de proficiência em diferentes línguas, como muitas vezes é difundido erroneamente. Embora existam categorias de bilinguismo baseadas em níveis de dominância das línguas — como o bilíngue equilibrado, que aparentemente não sofre influências de uma língua na outra, e o bilíngue parcial, que é estigmatizado por apresentar influências entre as línguas em suas interações, sendo considerado como possuidor de uma aquisição

¹ Do original: “Bilinguals are those who use two or more languages (or dialects) in their everyday lives”.

deficiente —, o essencial é reconhecer que o bilinguismo vai além dessas classificações. Em suma, um indivíduo bilíngue é aquele que utiliza duas ou mais línguas em sua vida cotidiana para se comunicar, independentemente de seu nível de proficiência em cada uma delas.

A compreensão do bilinguismo, no contexto da transmissão intergeracional, é um fator chave que molda as decisões linguísticas das famílias. A percepção de que o bilinguismo pode trazer vantagens sociais e cognitivas ou a crença equivocada de que prejudica o desenvolvimento infantil (Mozzillo, 2015) influenciam significativamente as escolhas linguísticas familiares. Superar esses mitos é fundamental para garantir que o bilinguismo seja valorizado como um recurso para a preservação das línguas indígenas. Iniciativas como as voltadas para o galês, que conscientizam os pais desde a gravidez, demonstram a importância de políticas públicas que promovam o bilinguismo e seu entendimento (Edwards; Pritchard, 2006).

No entanto, a conscientização por si só não é suficiente para reverter a perda de línguas indígenas. Comunidades que abandonaram o uso de suas línguas podem estar cientes da importância de transmitir suas línguas, mas enfrentam diversos obstáculos, como a discriminação, a falta de oportunidades e a imposição de outras línguas, dificultando a manutenção das suas línguas (Gil, 2020). Assim, a revitalização linguística envolve uma dimensão política e de luta, englobando a defesa da terra, do território e da autonomia indígenas. A preservação da diversidade linguística está intrinsecamente conectada à conservação da diversidade biológica, cultural e epistêmica, motivo pelo qual, ao preservarmos as línguas, também protegemos as identidades e as formas únicas de ser e se relacionar com o mundo.

4 METODOLOGIA

A metodologia que adotamos para este estudo caracteriza-se por quatro abordagens principais: qualitativa, descritiva, colaborativa e etnográfica. Nossa escolha dessas abordagens foi fundamentada em teorias e conceitos que sustentam a investigação e orientam as decisões metodológicas.

- Abordagem qualitativa: A pesquisa é de natureza qualitativa, embasada na abordagem proposta por Spedding (2013). Essa escolha se justifica pelo objetivo de descrever e analisar PLF e ideologias linguísticas, conceitos que não podem ser quantificados. A análise busca contribuir para a compreensão da transmissão intergeracional de línguas indígenas, baseando-se nas percepções dos colaboradores envolvidos.

- Abordagem descritiva: A pesquisa é classificada como descritiva devido à falta de textos específicos sobre PLF e ideologias linguísticas dos lecos. Os textos acessados (IPLA; WCS, 2010a, 2010b, 2022) focam mais em estabelecer uma cronologia histórica ou fornecer dados gerais. Portanto, o estudo procura descrever as práticas atuais e de gerações anteriores para compreender o panorama linguístico atual e a transmissão das línguas.

- Abordagem colaborativa: A pesquisa é colaborativa, valorizando a construção coletiva do conhecimento. Essa colaboração envolve relações intra/interculturais e políticas, centradas no diálogo livre de etnocentrismo (que estabelece uma hierarquia entre culturas) e do sociocentrismo (que considera uma determinada classe social como modelo ideal de comportamento) (Restrepo, 2018). Além disso, essa abordagem leva em conta as demandas e necessidades dos interlocutores envolvidos. Busca integrar demandas sociais, políticas e acadêmicas (Katzner; Samprón, 2012, p. 64), fortalecendo a organização política dos lecos de Apolo e promovendo o respeito pela cultura e identidade leca.

- Abordagem etnográfica: Embora não estritamente etnográfica, a pesquisa incorpora princípios da etnografia, como a observação, registro e análise contextualizada das práticas linguísticas da comunidade (Restrepo, 2018). Nesse contexto, a etnografia é empregada como uma ferramenta para observar, registrar e analisar as práticas, valores, crenças, comportamentos e outras características relacionadas aos padrões linguísticos da comunidade.

Nesta pesquisa, optamos por trabalhar principalmente com mulheres da comunidade, devido à sua desvalorização como fontes de informação relevante em investigações qualitativas, nas quais muitas vezes não se reconhece a importância de suas vivências, ações

e pensamentos (Spedding, 2013). As colaboradoras são mulheres, avós e mães, que possuem uma relação de convivência com crianças entre 0 e 14 anos. A razão para focar nesses dois grupos sociais é que eles fornecem informações cruciais sobre as dinâmicas familiares que influenciam as políticas linguísticas e sobre quais línguas são utilizadas em diferentes contextos comunicativos.

A geração de dados envolveu técnicas como observação participante, diário de campo (Restrepo, 2018) e os diálogos recíprocos (Katzer; Samprón, 2012), adaptadas às especificidades da comunidade estudada. As entrevistas foram conduzidas com sensibilidade cultural, respeitando a preferência linguística dos colaboradores e garantindo um ambiente confortável para a expressão de suas opiniões e experiências.

A análise temática é o método mais adequado para analisar os dados gerados no trabalho de campo. A escolha por esse tipo de análise se deve à sua relevância e aplicabilidade para investigar as relações familiares e as questões linguísticas, focos deste estudo. Nesta pesquisa, esse método foi adaptado para atender aos objetivos e particularidades da área de linguística, seguindo as seis fases descritas por Luciana K. de Sousa (2019), bem como considerando excertos do livro *Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners* de Virginia Braun e Victoria Clarke (2013).

Questões éticas foram cuidadosamente consideradas em todas as fases do estudo, garantindo o consentimento informado dos participantes, a privacidade e confidencialidade das informações, e a apresentação dos resultados à comunidade para benefício mútuo (Katzer; Samprón, 2012).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao investigar as PLF e a transmissão de línguas em uma comunidade indígena multilíngue, a apresentação clara e acessível dos dados é crucial. Para atender a esse desafio, selecionamos duas ferramentas que permitem ao leitor familiarizar-se visualmente com os dados.

- Genogramas: Esta primeira ferramenta oferece uma representação gráfica detalhada das relações familiares (Suarez, 2010), adaptada para retratar vínculos linguísticos. Com cores distintas para cada língua, os genogramas destacam as competências linguísticas de cada indivíduo e a composição linguística do ambiente familiar. O uso de uma linha pontuada realça as pessoas que moram juntas, enquanto a simbologia padrão da psicologia indica o sexo dos colaboradores (um círculo para mulheres e um quadrado para homens). Além de visualizar as dinâmicas linguísticas, os genogramas proporcionam uma compreensão clara das escolhas linguísticas familiares e seu impacto na transmissão das línguas indígenas.
-
- Quadros Analíticos: Essa segunda ferramenta foi utilizada na identificação das temáticas abordadas em cada entrevista realizada. Os quadros analíticos sintetizam as principais informações de cada intercâmbio dialógico, organizando-as em categorias ou temas relevantes (Restrepo, 2018). Essa organização facilita a compreensão das diferentes perspectivas sobre PLF, ideologias linguísticas e transmissão de línguas na comunidade de Torewa.
-

A combinação de genogramas e quadros analíticos proporciona uma abordagem integrada para analisar os dados gerados pelas entrevistas. Essas ferramentas visuais não apenas tornam os dados mais acessíveis a diferentes públicos, mas também enriquecem a compreensão das dinâmicas linguísticas nas famílias e nas comunidades multilíngues.

Ressaltamos que, na dissertação de mestrado, realizamos dez entrevistas semiestruturadas e, para cada uma das famílias, elaboramos um genograma e um quadro analítico da entrevista. No entanto, neste artigo, apresentamos três desses quadros e três genogramas.

Quadro analítico da entrevista 1

 María (42 anos, Copacabana)

Descrição da configuração familiar: A família de María é composta por quatro membros que vivem juntos. Sua filha Nicole (11 anos), seu filho Vicente (7 anos), seu marido Marco (54 anos) e María (42 anos). A família é definida como nuclear.

Papéis familiares e trabalho: María e Marco trabalham na produção agrícola em suas terras, principalmente cultivando bananas. María divide seu tempo entre a plantação e o cuidado dos filhos e as tarefas diárias. A falta de professores na comunidade mantém a escola fechada, tornando necessário que María cuide das crianças em casa ou leve-as para a plantação, onde enfrentam riscos devido à presença de aranhas e outros insetos.

Como María é uma mulher migrante de Copacabana (La Paz - Bolívia) e a família de seu marido não é da comunidade, não há outros parentes disponíveis para ajudar no cuidado das crianças. Isso coloca um desafio adicional para María, pois ela precisa equilibrar suas responsabilidades como mãe e agricultora, sem apoio familiar próximo.

Migração: María compartilha sua jornada migratória desde o altiplano até Torewa, expressando que *"los malos vientos me han traído"* (os maus ventos me trouxeram).

Relações familiares e PLF: María fala sobre a dinâmica entre seu pai, sua avó e ela quando era criança, mencionando as PLF estabelecidas por seu pai. Embora seu pai e sua avó sejam bilíngues, ele não permitia que sua avó falasse aimará com ela para que ela *"hable bien"* (fale bem) o espanhol.

Línguas no cotidiano: María compartilha quais línguas ela fala no seu dia a dia, tanto com sua família como com outras pessoas. Sua língua predominante é o espanhol, que é a língua que utiliza com seus filhos, seu esposo e com outras pessoas da comunidade. Apesar da proibição de seu pai, María sabe algumas palavras em aimará, mas só as utiliza em momentos específicos que não são definidos.

Línguas de seu marido Marco: María menciona as línguas que seu parceiro Marco fala, que são o espanhol, o quíchua e o rik'a. No entanto, em casa, ele só se comunica em espanhol e com algumas pessoas da comunidade quíchua. Devido a ser uma das poucas pessoas na comunidade que fala rik'a (além de Marco, apenas mais duas pessoas falantes dessa língua foram identificadas durante a geração de dados), seu marido é considerado um "leco leco".

Línguas de seus filhos: María fala sobre as línguas que seus filhos falam, sendo o espanhol a principal língua utilizada por eles. Além disso, ela destaca que seus filhos interagem com outras crianças da comunidade e, nesse convívio, aprendem mutuamente outras línguas, como o tsimane.

Educação dos filhos: María discute a educação que seus filhos recebem na escola da comunidade e faz uma comparação com a educação que eles tinham em La Paz. Ela identifica as diferenças e falhas no sistema educacional local, especialmente devido à ausência de professores na comunidade, o que prejudica o desenvolvimento educacional de suas crianças.

Identidade étnica: María fala sobre sua afiliação ao povo Leco, mas enfatiza que não se considera leca, mas sim aimará, devido às suas raízes.

Bilinguismo: María destaca a importância do bilinguismo para seus filhos e como aprender mais de uma língua pode ser benéfico para eles, mas não especifica quais línguas ela gostaria que eles aprendessem.

Denúncia de violência doméstica: María expõe a violência que sofre por parte de seu marido e pede informação sobre como pode denunciar o caso à polícia.

Denúncia de discriminação: María denuncia a discriminação que enfrenta dos "parientes" que a chamam de "matawa" e que fazem bruxaria contra ela.

Quadro analítico da entrevista 5

Carmela (45 anos, Torewa)

Descrição da configuração familiar: A família de Carmela é composta por nove pessoas, das quais cinco vivem juntas. Carmela tem 45 anos e seu marido, Carlos, tem 44 anos. Eles têm sete filhos, mas apenas três deles moram com eles. Os nomes dos filhos que não moram com ela são: Mario, Manuel, Roxana e Alejandro. Os três filhos que vivem com ela se chamam Anari (7 anos), Nestor (13 anos), e Basilio (15 anos). Essa configuração familiar se enquadra no modelo de família nuclear.

Papéis familiares e trabalho: Assim como todas as mulheres entrevistadas, Carmela é responsável por todas as tarefas relacionadas ao lar. No entanto, ela não realiza nenhuma dessas atividades de forma individual, pois existe colaboração e as mulheres tsimanes geralmente se reúnem para cuidar das crianças, cozinhar e comer juntas. Essa prática difere de outras famílias em que as reuniões costumavam ocorrer apenas entre membros da família estendida. É interessante notar que a colaboração se dá exclusivamente na língua tsimane, o que reforça o senso de solidariedade e colaboração entre as famílias tsimanes da comunidade. As principais atividades econômicas realizadas pelo seu parceiro são a caça e a pesca. Ele comercializa produtos como o Sábalo, o Pacú e o Surubí, que são peixes de rio, e também roedores grandes como o Jochi Pintao. Sua produção agrícola é principalmente para consumo próprio ou para intercâmbio com outras famílias por produtos. Notavelmente, a maior parte dos homens são bilíngues, já que são responsáveis pelos intercâmbios econômicos, enquanto esse fenômeno não ocorre com as mulheres, as quais são monolíngues em tsimane com exceção de Carmela e outra colaboradora.

Identidade linguística: No início da entrevista, Carmela se apresenta como uma mulher bilíngue, falando tsimane e espanhol, embora ela mesma não utilize o termo "bilíngue" para se definir.

Ao contrário das mulheres entrevistadas anteriormente, Carmela demonstra um genuíno interesse na pesquisa. Ela faz perguntas sobre as informações compartilhadas com ela, sobre a pesquisa em si, sobre minha família e examina com atenção as fotografias apresentadas.

Quando pergunto sobre as pessoas que moram com ela, Carmela traz as identidades de cada um. Isso me permite saber que, além de seu marido, ninguém sabe assinar, o que quer dizer que só ele sabe escrever. Confirmo essa informação com Carmela. O fato de eles terem uma identidade é muito importante porque assim podem exigir direitos à educação, à saúde, à justiça, assim como ter acesso aos programas sociais do governo. As pessoas que moram com Carmela são quatro, seu cônjuge e três de seus sete filhos.

Uso da língua tsimane em casa: Carmela revela que a interação entre ela e Anari ocorre apenas em tsimane. Ao perguntar se Anari entende espanhol, Carmela responde que não, e que seus filhos, aqueles que moram com ela, só falam tsimane. Ela também menciona que seu esposo foi quem lhe ensinou espanhol, já que ela não teve acesso à educação.

Educação: Ao indagar se Anari e seus irmãos, Nestor e Basílio, frequentam a escola, Carmela confirma que sim. Ela diz que é na escola que eles estão aprendendo espanhol para se tornarem bilíngues, como seus filhos que não moram mais com ela.

Migração: Ao discutir sobre a migração, Carmela menciona que sua filha mais velha deixou a comunidade para morar na cidade de El Alto. Ela também menciona que seus irmãos deixaram a comunidade para morar no Brasil e que ela não tem notícias deles desde a última vez em que os viu.

Relação com outras mulheres da comunidade: Carmela confirma que não tem muita comunicação com as outras mulheres da comunidade devido à diferença de línguas. Ela se sente envergonhada em falar espanhol na frente delas, mas também questiona que elas não saibam tsimane.

A disposição das casas demonstra a distância e segregação entre os grupos étnicos e linguísticos. Sua casa fica distante da escola e das casas previamente entrevistadas, mas próxima às casas das outras famílias tsimanes.

Violência intrafamiliar: Quando abordamos o tema da violência intrafamiliar, Carmela comenta que "*es lo normal*" (é o normal) e que "*no hay mucho que se pueda hacer*" (não há muito a ser feito).

Carmela menciona sua vizinha Frida, que mora perto de sua casa, e sugere que ela nos acompanhe para entrevistá-la, pois Frida só fala tsimane, podendo atuar como tradutora.

Quadro analítico da entrevista 7

 Marcela (16 anos, Asunción)

Descrição da configuração familiar: As informações fornecidas por Marcela sobre sua família oferecem um panorama bastante completo dos membros e das diferentes gerações que a compõem.

Marcela vem de uma família originária de Asunción, onde a língua moseten é predominante. Seus pais são Balvina e Luciano, e ela tem três irmãos: Claudia, Ana e Raymundo. Marcela (16 anos), vive com seu parceiro Juan (21 anos), e juntos têm um bebê chamado Pedro, com 10 meses. Eles compartilham a casa com os pais de Juan, o senhor Bartolo (48 anos), e a senhora Martina (46 anos). A configuração familiar se enquadra no modelo de família extensa. A avó de Juan, Candelaria, de 74 anos, mora na casa vizinha com Serafin, de 48 anos.

Papéis familiares e trabalho: Segundo Marcela, as mulheres jovens são responsáveis pela maioria das tarefas domésticas, incluindo cuidados com crianças, animais e doentes, além de colaborarem no cultivo de alimentos. O marido gera renda através da caça e pesca. A solidariedade entre as mulheres não é tão evidente, possivelmente devido às diferenças linguísticas, mas Marcela compartilha mais com sua irmã Claudia.

Habilidades linguísticas: Marcela é trilingue, com o moseten como língua materna, e fala tsimane e espanhol. Ela aprendeu tsimane com seu esposo para se comunicar com a família dele, que fala "*tsimane cerrado*".

Línguas faladas com o bebê: Marcela fala com seu bebê em tsimane e moseten, mas seu marido prefere que ela fale apenas em tsimane, para que ele possa se comunicar com sua família. No entanto, Marcela deseja que Pedro possa se comunicar com ambas as famílias, sem priorizar uma língua, e, por isso, mantém a comunicação com ele em moseten.

Família e comunidade: Marcela compartilha detalhes sobre seus irmãos, que são bilíngues, e sua irmã Ana, que, assim como ela, é trilingue e também vive na comunidade. Ela menciona que na sua comunidade só falam moseten e que começou a falar mais espanhol em Torewa para se comunicar com outras pessoas. Marcela também menciona sua experiência escolar até o primeiro ano do ensino médio e que devido à gravidez deixou sua comunidade. Ela menciona que todos os livros estão em moseten e que, quando um professor chega à comunidade, eles ensinam moseten para que ele possa dar aulas nessa língua.

Em seguida, serão apresentados os genogramas elaborados para cada uma das famílias das três colaboradoras selecionadas. Cada um deles foi elaborado utilizando o software GenoPro2020:

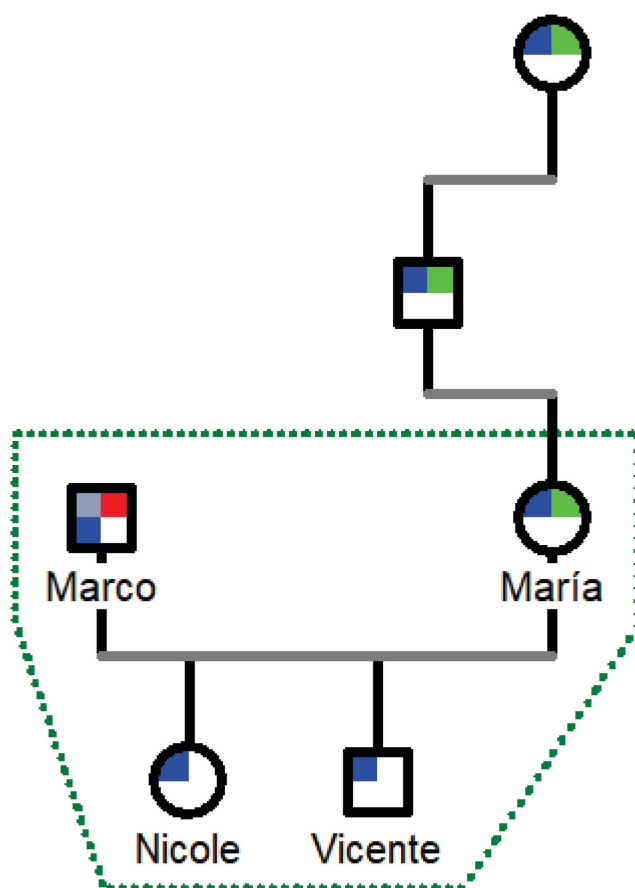


Figura 2: Genograma 1 - Família de María

Fonte: elaboração própria

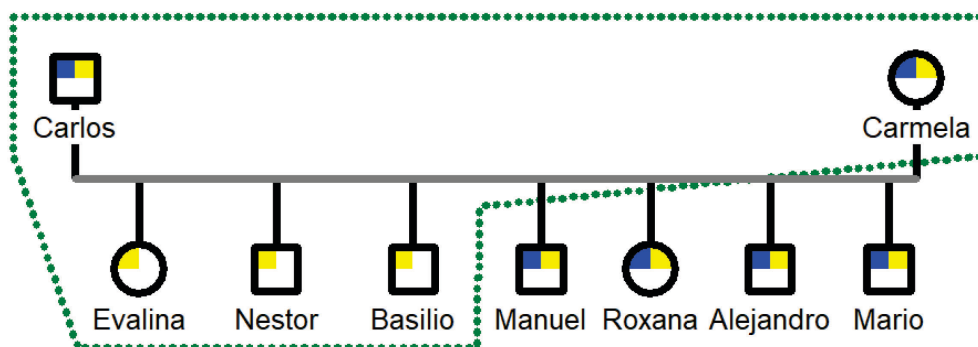


Figura 3: Genograma 5 - Família de Carmela

Fonte: elaboração própria

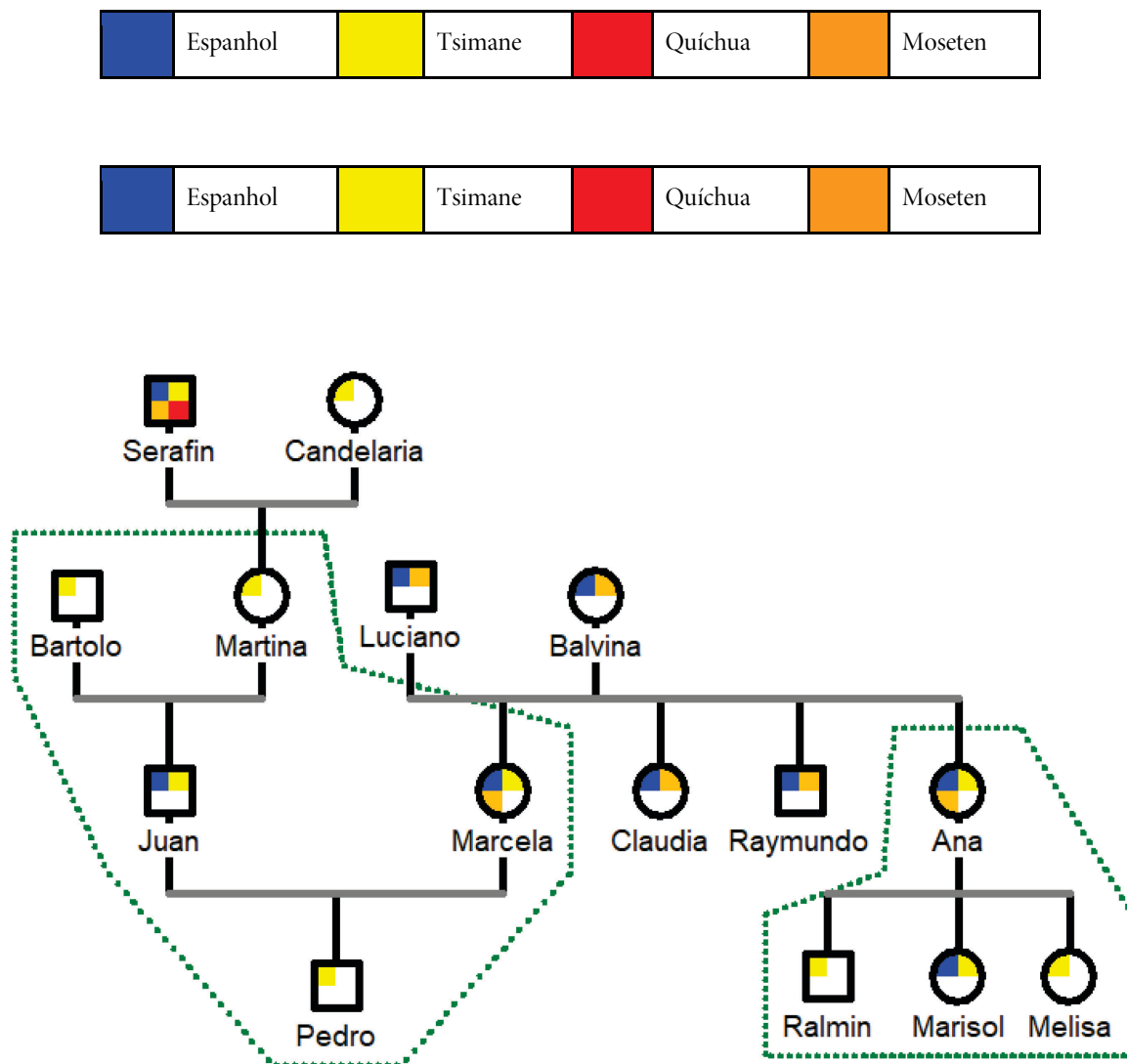


Figura 4: Genograma 7 - Família de Marcela

Fonte: elaboração própria

Ao analisar esses três cenários familiares, é possível observar as nuances das dinâmicas linguísticas dentro de uma mesma comunidade. Cada família responde de maneira diferente à sua realidade, apesar de estarem inseridas no mesmo contexto, adotando as estratégias que melhor atendem a seus interesses e necessidades. Por meio das falas de cada mãe, é possível ver como os repertórios linguísticos familiares se moldam e estão em constante transformação. A migração, a hierarquia social e a identidade étnica emergem como fatores cruciais que influenciam as decisões linguísticas tomadas no âmbito familiar. É importante ressaltar que o objetivo deste estudo não é avaliar o sucesso ou o fracasso das políticas linguísticas, mas, sim, identificar os desafios e estratégias que cada família utiliza na transmissão intergeracional das línguas.

Um fator que une essas três mulheres é a questão da migração. Embora Carmela não seja uma mulher migrante, esse tema também a interpela, assim como a toda a comunidade. Torewa, em si, é uma comunidade que desafia a crença do monolinguismo entre comunidades indígenas. Trata-se de uma comunidade onde, devido à migração, as identidades e as línguas estão em constante modificação, seja pelo contato e convivência, pela reafirmação identitária ou pela saída e chegada de membros que se dirigem a outras comunidades ou cidades, tanto dentro como fora da Bolívia. Essas idas e vindas influenciam continuamente as ideologias e práticas linguísticas, tanto em nível individual, quanto familiar e comunitário.

Em consonância a postura investigativa de Espinoza e Wigglesworth (2022), entendemos que o estudo das PLF não pode ser dissociado de seu contexto. Por isso, é importante fornecer mais informações sobre a comunidade para melhor compreender algumas das dinâmicas sociais descritas nos quadros analíticos, algumas das quais representam as hierarquias presentes na comunidade.

Para começar, os tsimanes e mosetenes formam uma minoria dentro da comunidade, o que leva esses grupos a adotarem uma ideologia que relaciona diretamente a sobrevivência e a identidade de seu grupo à sua língua. Para eles, a língua não é apenas um componente vital de sua identidade, mas também um meio essencial de resistência cultural. Além disso, os casamentos interétnicos não são permitidos, e, sendo culturas que compartilham características, os tsimanes e mosetenes casam-se apenas entre si, evitando a endogamia ao buscar parceiros em outras comunidades.

Em contraste, os lecos, que podem ser falantes de espanhol, quíchua apoleño e/ou rik'a, constituem a maioria da comunidade, com os aimará sendo o segundo grupo mais numeroso. Os lecos atribuem um status superior à sua cultura e ao quíchua apoleño em relação à cultura tsimane e moseten e a suas línguas. Além disso, todas as autoridades que compõem a organização sociopolítica da comunidade eram lecos no momento de realização do trabalho de campo. Ao contrário dos tsimanes e mosetenes, os lecos permitem casamentos interétnicos.

Ao longo das entrevistas, buscamos compreender as particularidades das experiências das nossas colaboradoras, indo além de uma visão essencialista que as reduzem a falantes e transmissoras de línguas indígenas. Nosso objetivo foi analisar as dinâmicas familiares que moldam as práticas linguísticas, com enfoque na transmissão linguística intergeracional, explorando temas como as relações de gênero, as práticas educativas, os conflitos intergeracionais e as visões de futuro. Ao adotar essa abordagem, evitamos perpetuar construções essencialistas, valorizando a diversidade de suas experiências e perspectivas.

As biografias de cada uma das colaboradoras e as formas como se relacionam, tanto dentro como fora da comunidade, são fundamentais para moldar seus repertórios linguísticos, os de seus parceiros e os de seus filhos. Isso se reflete na diversidade de línguas que utilizam em seu cotidiano, no qual o espanhol, o aimará, o quíchua apoleño, o rik'a, o tsimane e o moseten convivem e se entrelaçam, dependendo do contexto e das decisões familiares.

No entanto, não são apenas suas experiências pessoais que influenciam suas práticas linguísticas; as vivências de seus filhos também podem modificar ou reafirmar as políticas linguísticas familiares (PLF). Um exemplo é o de Carmela, cuja experiência de ter uma filha que vive na cidade de El Alto e irmãos que deixaram o país reafirma sua crença de que a língua tsimane não interfere nessas situações. Tanto ela quanto seu esposo esperam que seus filhos aprendam o espanhol na escola, enquanto em casa se fala apenas o tsimane. Ao comparar os resultados desta pesquisa com os de Espinoza e Wigglesworth (2022), podemos observar que a trajetória do filho mais velho, marcada pela discriminação e pelo racismo fora da comunidade, fez com que uma das entrevistadas parasse de falar exclusivamente em chedungun (uma variedade da língua Mapuche falada no Chile) com seus filhos mais novos para evitar que enfrentassem as mesmas dificuldades que seu filho mais velho. Isso também nos leva a afirmar que a transmissão linguística intergeracional não ocorre da mesma forma para todos os filhos.

A biografia de María, por sua vez, revela uma relação com seu pai e avó marcada pela proibição de falar aimará, o que também influenciou a formação de seu repertório linguístico e o de seus filhos. Embora a língua não tenha sido transmitida, María não herdou a noção de que o bilinguismo poderia prejudicar seus filhos. Ela expressa uma valorização positiva do bilinguismo, como mencionado em sua entrevista. Sua identificação como mulher aimará demonstra que, mesmo sem ter adquirido a língua em casa, ela adquiriu a identidade cultural, que continua a influenciar suas práticas linguísticas, familiares e comunitárias. Saindo da dicotomia de sucesso-fracasso frequentemente usada para analisar PLF, a experiência de María pode ser vista como um exemplo de política linguística familiar formulada a partir de preocupações com o bem-estar dos filhos (Espinoza; Wigglesworth, 2022). No entanto, é crucial lembrar que essa política foi uma resposta a um contexto de discriminação, evidenciando as relações assimétricas entre falantes de diferentes línguas.

Por meio de suas biografias, destacamos que não se trata apenas de um enfoque no presente, mas também na continuidade histórica: o que foi vivido antes de chegar a Torewa, em suas comunidades e famílias, influencia a formulação das dinâmicas familiares e a formação dos repertórios linguísticos. No caso de Marcela, sua experiência educacional em sua comunidade e sua relação próxima com a família e a migração para Torewa fazem com que seu repertório linguístico inclua o moseten, o tsimane e o espanhol. Ela deseja que o moseten faça parte do repertório de seu filho, apesar da proibição explícita de seu parceiro. Além disso, suas expectativas educacionais para o filho e para a comunidade refletem sua própria trajetória educacional. Em outros estudos, como o de Nandi *et al.* (2022), destaca-se que as PLF podem transcender os limites do lar, como no caso de pais pró-basco que, durante o regime franquista, criaram escolas clandestinas onde se ensinava em euskera, chamadas Ikastolak (Nandi *et al.*, 2022). Isso mostra como experiências passadas configuram práticas linguísticas presentes e podem moldar políticas linguísticas que extrapolam os muros domésticos.

No entanto, ao contrário de estudos como o de Park (2022), em que atitudes dos filhos de mulheres migrantes coreanas influenciaram as PLF, no caso de Carmela e María, tal influência não foi relatada. As atitudes de seus filhos em relação à língua transmitida eram positivas, e essas atitudes também se manifestavam fora do ambiente doméstico em espaços compartilhados pelas crianças, como o campo e a escola, onde elas se ensinavam mutuamente suas línguas, conforme relatado por María e Carmela.

Estudos anteriores, como o de Sichra (2016), já identificaram a violência como um fator que pode influenciar as decisões linguísticas dentro do lar, muitas vezes associada a hierarquias de gênero e imposições linguísticas. No entanto, os dados apresentados neste estudo sugerem uma complexidade maior, com diferentes formas de exercício de poder e negociação entre os membros da família. Embora a violência, tanto física quanto psicológica, seja mencionada pelas participantes, a tomada de decisões sobre a língua parece ser mais negociada e influenciada por diversos fatores, incluindo as experiências pessoais, as relações de poder dentro da família e as pressões sociais. Por exemplo, no caso de Carmela, a decisão de usar apenas o tsimane em casa parece ser fruto de um consenso entre o casal. Já no caso de Marcela, a proibição imposta pelo parceiro não impede que ela transmita o moseten a seu filho, demonstrando sua agência e resistência.

Retomando o tema da educação, ressaltamos que a ação coletiva pode transformar domínios públicos, como o processo de auto-organização na comunidade de Marcela em prol da preservação e revitalização do moseten. Em Asunción, os próprios moradores assumem a responsabilidade de ensinar o moseten aos professores, a fim de garantir que as aulas sejam ministradas nessa língua. Essa abordagem demonstra uma forma de resistência cultural e linguística, na qual a comunidade assume o controle do processo educacional para garantir a preservação de sua língua e cultura.

Ao refletir sobre esses relatos, surge a necessidade de repensar os modelos educacionais em contextos multilíngues e multiculturais. Os professores devem ser capacitados não apenas para falar as línguas da comunidade, mas também para valorizá-las e incorporá-las ao currículo escolar de forma significativa. Além disso, é essencial que a educação valorize e respeite as diversas identidades linguísticas e culturais dos alunos, promovendo a interculturalidade e o diálogo entre diferentes grupos étnicos e linguísticos. Este diálogo recíproco e respeitoso é fundamental para a cocriação de abordagens educacionais inclusivas e sensíveis às realidades locais. É fundamental reconhecer a importância de capacitar os professores que trabalham nas comunidades indígenas no ensino do espanhol como segunda língua. Embora haja um esforço para promover o uso das línguas indígenas como veículos de transmissão de conhecimento, é essencial garantir que os alunos tenham acesso à língua majoritária da sociedade envolvente. No entanto, é crucial que esse processo de aquisição do espanhol não conduza a um bilinguismo subtrativo (López, 2009), no qual a língua materna é suplantada pelo espanhol. Em vez disso, deve-se promover um bilinguismo aditivo, no qual o espanhol é aprendido e valorizado como uma outra língua materna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos neste estudo as políticas linguísticas familiares na comunidade indígena e multilíngue de Torewa, na Amazônia boliviana, destacando como as decisões sobre o uso das línguas são moldadas por uma série de fatores que incluem as biografias pessoais, as relações dentro e fora da comunidade, e as dinâmicas de poder existentes no núcleo familiar. Ao analisar os três cenários familiares apresentados, foi possível observar que cada família, mesmo inserida em um contexto semelhante, responde de forma

única aos desafios que enfrenta, adotando estratégias linguísticas que melhor se adequam às suas realidades e necessidades. Isso mostra que as políticas linguísticas familiares são processos dinâmicos, em constante transformação, à medida que as famílias lidam com as influências externas e internas que afetam suas práticas e ideologias linguísticas.

Entre os principais achados, destacamos a complexidade da transmissão intergeracional de línguas, que não segue um modelo linear e uniforme. A experiência de María, por exemplo, que se reconhece como mulher aimara apesar de não ter recebido o aimará em sua infância, ilustra que a identidade cultural pode ser mantida mesmo sem a transmissão da língua. Da mesma forma, a decisão de Carmela de falar exclusivamente o tsimane em casa, enquanto seus filhos aprendem o espanhol na escola, reflete uma estratégia familiar consciente para preservar a língua indígena no ambiente doméstico, sem comprometer as oportunidades educacionais. Essas histórias evidenciam que as políticas linguísticas familiares são moldadas tanto por fatores internos (como as relações familiares) quanto por contextos externos (como as experiências de discriminação e migração).

A pesquisa também contribui para o estudo das políticas linguísticas familiares, especialmente em comunidades indígenas do Sul Global, um campo que carece de investigações mais profundas. Este trabalho amplia nossa compreensão sobre como as famílias indígenas lidam com a preservação de suas línguas em meio a pressões culturais, sociais e políticas. Ao questionar a dicotomia de sucesso-fracasso que muitas vezes permeia o estudo dessas políticas, o estudo propõe uma visão mais flexível e contextualizada da transmissão linguística. A decisão de não transmitir uma língua não precisa ser interpretada como um fracasso, mas como uma escolha complexa que pode envolver questões de bem-estar, identidade e contexto sociopolítico.

As implicações desta pesquisa para as políticas educacionais e culturais são significativas. Ela sugere que as políticas públicas voltadas para a preservação das línguas indígenas devem reconhecer o papel central das famílias e comunidades nesse processo. A experiência das colaboradoras mostra que as escolas e as instituições culturais precisam trabalhar em parceria com as famílias, respeitando suas decisões e fornecendo suporte para que a preservação linguística seja viável. Além disso, este estudo reforça que as políticas linguísticas não devem ser impostas de maneira "top-down", mas, sim, desenhadas com a participação ativa das comunidades que pretendem beneficiar.

Embora este estudo tenha oferecido uma contribuição relevante, ele também apresenta algumas limitações. A pesquisa foi realizada com um número limitado de famílias, o que dificulta a generalização dos resultados para outras comunidades indígenas. Além disso, o estudo foi baseado em entrevistas e observações de curto prazo, o que sugere a necessidade de pesquisas longitudinais que examinem como as políticas linguísticas familiares evoluem ao longo do tempo. Pesquisas futuras poderiam explorar, por exemplo, o papel das crianças na formulação dessas políticas, ou investigar como as políticas linguísticas familiares interagem com as políticas linguísticas nacionais e regionais.

Em conclusão, este estudo mostrou que as políticas linguísticas familiares são um processo dinâmico e multifacetado, influenciado por uma ampla gama de fatores. As decisões sobre quais línguas serão usadas no ambiente doméstico refletem não apenas as crenças e ideologias dos pais, mas também as experiências vividas e as pressões sociais às quais as famílias estão submetidas. Ao destacar as vozes e experiências das mulheres indígenas, esta pesquisa contribuiu para uma compreensão mais profunda das suas estratégias e desafios, promovendo a necessidade de políticas linguísticas mais inclusivas e sensíveis às realidades dessas comunidades.

REFERÊNCIAS

BELLO, A. Derechos indígenas y ciudadanías diferenciadas en América Latina y el Caribe: implicancias para la educación. In: LÓPEZ, L. (ed.). *Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas*. La Paz: Plural editores, 2009. p. 57-76.

CALVET, L. *As políticas linguísticas*. Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

- CIPLA — Central Indígena del Pueblo Leco de Apolo; WCS — Wildlife Conservation Society. *Plan de vida del pueblo Leco de Apolo*. La Paz, 2010a.
- CIPLA — Central Indígena del Pueblo Leco de Apolo; WCS — Wildlife Conservation Society. *Plan de vida del pueblo Leco de Apolo: Resumen ejecutivo*. La Paz, 2010b.
- CIPLA — Central Indígena del Pueblo Leco de Apolo; WCS — Wildlife Conservation Society. *Plan de vida del pueblo Leco de Apolo*. La Paz, 2022.
- CLARKE, V.; BRAUN, V. *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: Sage, 2013.
- CORREA, D.; GÜTHS, T. Por um constante repensar de nossas visões sobre língua: revisitando o conceito de política linguística. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 140-159, 2015.
- COTACACHI, M. Attitudes of teachers, children and parents towards bilingual intercultural education. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 285-298.
- EDWARDS, V.; PRITCHARD, L. Back to basics: Marketing the benefits of bilingualism to parents. In: GARCÍA, O.; SKUTNABB-KANGAS, T.; TORRES-GUZMÁN, M. (ed.). *Imagining multilingual schools: Languages in education and globalization*. Wiltshire: Cromwell Press Ltd., 2006. p. 137-149.
- ESPINOZA, M; WIGGLESWORTH, G. Beyond success and failure: Intergenerational language transmission from within Indigenous families in Southern Chile. In: WRIGHT, L.; HIGGINS, C. (ed.). *Diversifying family language policy*. London: Bloomsbury Academic, 2022. p. 277-297.
- GIL, Y. *Ñ: Manifiestos sobre la diversidad lingüística*. Ciudad de México: Almadía Ediciones, 2020.
- HORNBERGER, N. Language planning from the bottom up. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 357-366.
- KATZER, L; SAMPRÓN, A. El trabajo de campo como proceso. La etnografía colaborativa como perspectiva analítica. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*, Buenos Aires, n. 2, p. 59-70, 2011.
- KROSKRITY, P. Language ideologies. In: DURANTI, A. (ed.). *Agency in Language. A companion to linguistic anthropology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 496-517.
- LÓPEZ, L. To guaranize: a verb actively conjugated by the Bolivian Guaranis. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 321-353.
- LÓPEZ, L. Cultural diversity, multilingualism and indigenous education in Latin American. In: GARCÍA, O.; SKUTNABB-KANGAS, T.; TORRES-GUZMÁN, M. *Imagining multilingual schools: Languages in education and globalization*. Wiltshire: Cromwell Press Ltd, 2006. p. 238-261.
- LÓPEZ, L. Interculturalidad, educación y política en América Latina: perspectivas desde el Sur. Pistas para una investigación comprometida y dialogal. In: LÓPEZ, L. (ed.). *Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas*. La Paz: Plural editores, 2009. p. 129-218.

- LÓPEZ, L. Top-down and Bottom-up: Counterpoised visions of bilingual intercultural education in Latin American. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Can schools save indigenous languages? Policy and practice on four continents*. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 42-65.
- LUYKX, A. Los niños como agentes de socialización: políticas lingüísticas familiares en situaciones de desplazamiento lingüístico. Tradução Héctor Andreani e Mariana García Palacios. *Runa*, Buenos Aires, v. 35, n. 2, p. 105-115, 2014.
- MORONI, A. O papel do progenitor não brasileiro na transmissão do PLH: suas práticas linguísticas e o impacto na proficiência dos filhos. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 1226-1233, abr. – jun., 2018.
- MOSONYI, E. Plurilingüismo indígena y políticas lingüísticas. *Nueva Sociedad*, Caracas, n. 153, p. 82-92, 1998.
- MOYA, R. La interculturalidad para todos en América Latina. In: LÓPEZ, L. (ed.). *Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas*. La Paz: Plural editores, 2009. p. 21-56.
- MOZZILLO, I. Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil. *Veredas: Revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 147-157, 2015.
- MOZZILLO, I.; PUPP SPINASSÉ, K. Políticas linguísticas familiares em contexto de línguas minoritárias. *Revista Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1297-1316, 2020.
- NANDI, A. *et al.* Effective Family Language Policies and Intergenerational Transmission of Minority Languages: Parental Language Governance in Indigenous and Diasporic Contexts. In: HORNSBY, M.; MCLEOD, W. (ed.). *Transmitting Minority Languages: Complementary Reversing Language Shift Strategies*. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. p. 305-329.
- OLIVEIRA, D.; FABRÍCIO, F. Resistência política sem fogo amigo: por uma ideologia linguística das misturas em nossa revolta. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 61, p. 401-418, 2022.
- PARK, M. Family Language Policy in Two Mixed-Heritage Families in New Zealand: Perspectives of Korean Migrant Mothers. In: CHO, H.; SONG, K. (ed.). *Korean as a Heritage Language from Transnational and Translanguaging Perspectives*. New York: Routledge, 2022. p. 67-82.
- RESTREPO, E. *Etnografía: alcances, técnicas y éticas*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.
- SICHTA, I. Políticas lingüísticas en familias indígenas: cuando la realidad supera la imaginación. *UniverSOS: Revista de lenguas indígenas y universos culturales*, Valencia, n. 13, p. 135-151, 2016.
- SPEEDING, A. Metodologías cualitativas: Ingreso al trabajo de campo y recolección de datos. In: YAPU, M.; ARNOLD, D.; SPEEDING, A.; PEREIRA, R. (org.). *Pautas metodológicas para investigaciones cualitativas y cuantitativas en ciencias sociales y humanas*. La Paz: Fundación PIEB, 2013. p. 117-198.
- SPOLSKY, B. Riding the tiger. In: HORNBERGER, N. (ed.). *Can schools save indigenous languages? Policy and practice on four continents*. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 152-160.
- SPOLSKY, B. *Rethinking language policy*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.
- SPOLSKY, B. *Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SUAREZ, M. El genograma: herramienta para el estudio y abordaje de la familia. *Revista Médica La Paz*, La Paz, v. 16, n. 1, p. 53-57, 2010.



Recebido em 02/02/2024. Aceito em 03/10/2024